

VI DOMINGO DA PÁSCOA - 2022

1. Desde os primeiros séculos do cristianismo que houve cristãos conservadores, com grande dificuldade em aceitar a normal renovação da Igreja. No princípio, houve a tentação de obrigar todos a “judaizar-se” antes de se converterem ao cristianismo, sendo certo que as primeiras comunidades cristãs nascem a partir de comunidades judaicas. Esta questão da judaização deu mesmo origem a um conflito entre Pedro e Paulo (Gl 2,11), que só veio a resolver-se no 1º Concílio de Jerusalém.

2. É deste concílio que fala a primeira leitura deste domingo. Paulo e Barnabé sobem a Jerusalém e aí discutem a não obrigatoriedade da circuncisão para com os gentios que abraçavam a fé cristã. Nessa altura, a decisão foi assumida como uma graça vinda do Espírito Santo.

3. O Evangelho vem depois sublinhar a enorme importância do Espírito Santo, para ensinar toda a verdade.

4. O Apocalipse de São João, na segunda leitura, descreve a nova Jerusalém, a nova cidade de Deus onde a força do Espírito vai dar um sentido novo a todas as coisas. Esta cidade “não precisa da luz do sol, nem da lua, porque a glória de Deus a ilumina” (Ap 21,23).

A QUESTÃO DA JUDAIZAÇÃO

5. Como a religião cristã e a Igreja nascem na morte e ressurreição de Jesus Cristo que, depois, envia o Espírito Santo

a todos os Apóstolos reunidos no Cenáculo, é em Jerusalém que se constitui a primeira comunidade cristã. Com a conversão de Paulo, enviado como Apóstolo a evangelizar os gentios, surgiu um problema: Seria necessário que os pagãos se deixassem circuncidar antes de aderirem à fé cristã? Alguns judeus, mesmo com o apoio de Pedro, diziam que sim. Paulo e Barnabé diziam não ser necessário. Foi esta a primeira grande questão teológica nascida na Igreja nascente (Gl 2,11). Todos se reuniram em Jerusalém, no primeiro grande concílio e, sob a acção do Espírito Santo, ficou decidido não ser de exigir tais obrigações. O essencial para ser cristão é acreditar em Cristo Ressuscitado e não ter atitudes imorais (At 15,29). A partir deste momento, a judaização passou a não ter qualquer sentido.

O ENVIO DO ESPÍRITO SANTO

6. Para levar a mensagem de Cristo a todo o mundo, os Apóstolos precisavam de uma luz muito clara que lhes viesse de Cristo.

Então Jesus promete enviar o “consolador”, o Espírito Santo que lhes ensinará todas as coisas e lhes recordará tudo o que o Pai Lhe disse. É de uma rara beleza este capítulo de São João, porque revela que o Pai dá aos Apóstolos que vão pelo mundo, a partir de agora, anunciar a Boa Nova: “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz; não vo-la dou como a dá o mundo.” (Jo 14,27)

A mensagem é universal e os mensageiros podem estar tranquilos porque, com o auxílio do Espírito Santo, encontrarão

sempre a forma de anunciar, cumprindo assim o desejo de Jesus: “Ide por todo o mundo e fazei discípulos em todos os lugares.” (Mt 28,19-20)

QUEM ME AMA GUARDARÁ A MINHA PALAVRA, DISSE JESUS

7. Mons. Silva Araújo, no seu comentário ao Evangelho deste domingo, ajuda-nos a refletir melhor sobre a importância da Palavra de Deus na vida de cada um de nós: “Jesus não disse: quem me ama acenderá muitas velas; quem me ama fará grandes romagens a pé; quem me ama dará voltas de joelhos ao redor dos meus templos; quem me ama fará muitas promessas, mesmo que depois as não possa cumprir; quem me ama anda coberto de penduricalhos. Jesus disse: quem me ama guardará a minha Palavra. O fundamental é conhecer a Palavra de Deus e levá-la para a vida. O fundamental é sermos evangelhos vivos. É ver em Jesus o caminho, a verdade, a vida. É seguir o seu exemplo de serviço aos outros, de doação aos outros, de amor total.”

8. E continua: “A presença do Espírito Santo na Igreja, esclarece o que Jesus ensinou. Ajuda-nos a descobrir coisas novas no Evangelho de sempre. É o continuador da obra de Jesus. Lembra aos cristãos, no momento próprio, o que deve ser feito. Recebemos o Espírito santo no dia do Batismo. Precisamos de O invocar muitas vezes para que nos ensine a cumprirmos o Evangelho nas circunstâncias concretas do dia-a-dia; para que nos recorde o que é fundamental na nossa vida cristã; para que nos ensine a estar no mundo sem ser do mundo.”

9. A propósito da paz que o Senhor prometeu dar aos seus discípulos, Mons. Silva Araújo finaliza: “A paz de Cristo é diferente da paz do mundo. É uma paz que nasce do respeito por todos. É uma paz onde a força da razão se sobrepõe à razão da força. É uma paz que não resulta da violência, do medo, da corrida aos armamentos, da opressão dos mais fracos pelos mais poderosos (...) A paz do mundo é a paz do medo. A paz de Cristo é a paz do respeito por todos. Temos de ser construtores da paz, mas para isso nós mesmos precisamos de viver em paz. Quando não vivemos em paz, não damos paz nem deixamos que os outros tenham paz. Devemos desejar a paz uns aos outros, como desejamos os bons dias. Desejar a paz significa estarmos dispostos a fazer tudo o que depende de nós para que os outros vivam em paz.”

Que Nossa Senhora de Fátima implore a seu Filho, o Príncipe da paz, o fim da guerra e a paz de Deus para a Europa e para o mundo.

N.B. O autor não segue o novo acordo ortográfico